

O proletariado e a inteligência

O sr. Fernando Emídio da Silva pronunciou na sessão inaugural da Associação dos Escritores e Jornalistas Portugueses um discurso, que agora o *Diário de Notícias* publicou na íntegra com o mesmo título que fomos. E lá vimos, pela leitura do discurso, a razão justificativa da sua publicação no jornal da Maogem. E por isto: o discurso do sr. Silva é uma defesa da rapacidade infame com que nos mimoseou a burguesia. A isso chamou o orador a defesa da burguesia, a qual no dizer do seu apólogo "tem sempre felicemente o amparo dos seus dois fieis e prestimosos aliados: a propriedade e a herança".

O mal para o autor do discurso não está em a burguesia se ter de rendido, carregando para cima dos outros, os produtores e os consumidores, mas em as outras classes e no caso restrito de que tratava a intelectual, não ter podido fazer o mesmo! A seguir entende que o operariado se defendeu como a burguesia e que a sua preponderância é tal que o sindicalismo aspira já a ser governo. Duas afirmações que não podem passar sem reparo.

A primeira é falsa: o operariado não se defendeu como a burguesia. Não roubou, não explorou ninguém. Isso só a burguesia o fez e não num legítimo direito de defesa, mas com um intuito especulativo e explodador, visto que muitos dos burgueses enriqueceram. A segunda afirmação, pelo menos pelo que diz respeito ao sindicalismo revolucionário, portanto ao sindicalismo português, também não é verdadeira.

O sindicalismo não quer fazer a conquista do poder, não aspira a ser governo.

Quanto diz em seguida sobre as vantagens da associação e a necessidade de os intelectuais se organizarem está certo. Porém, neste caso dos escritores e jornalistas, a verdade é que se não respeitaram os princípios sindicalistas, visto que o novo sindicato saiu fora dos moldes sindicais. Assim, não só nesse sindicato são admitidos jornalistas não profissionais, que já não fazem jornalismo, como são admitidos redatores de jornais, tantas vezes com interesses opostos aos dos outros jornalistas, sobretudo quando elas são os proprietários das respectivas gazetas. Que diabo de defesa de interesses profissionais pode esse sindicato fazer? Os interesses que pode defender são apenas aqueles de ordem muito geral em que as próprias empresas jornalísticas ou editoras estejam de acordo. E no entanto pelo discurso do sr. Emídio da Silva parece deduzir-se que não havia já um sindicato de profissionais de imprensa onde os jornalistas que aceitam os princípios sindicalistas estavam já filiados.

Pois precisamente porque há um espírito reacionário em certa espécie de jornalistas e esses se recusam sistematicamente a fazer parte do sindicato profissional para não estarem ligados à C. G. T., por aversão à organização operária, é que o novo sindicato surgiu. Vê-se, pois, que o espírito da nova associação é muito diferente e talvez essa, tendo lá dentro o sr. Emídio da Silva que, como jornalista e escritor profissional, é um ilustre director do Banco de Portugal, esteja disposta a defender-se tal qual como a burguesia e de mãos dadas com ela.

Pelo contrário, nós entendemos que os intelectuais, jornalistas, professores, médicos, arquitetos, engenheiros, artistas todos se devem sindicar, mas sem de forma nenhuma repudiar o contacto, a solidariedade, a adesão, enfim, à organização de todas as classes trabalhadoras, regosijando-se até com o facto de não serem por elas repelidas como o eram nos primeiros tempos do sindicalismo em que este por tática defensiva lhes não permitia a filiação nas Confederações do Trabalho. Assim é que está certo.

Leiam amanhã o Suplemento literário de A BATALHA

A especulação com o exército.
Farça trágica, por João Pedro de Andrade.
Ecos da Semana, por F. de C.
A fada branca, por José Negrão Bússol.
A prostituição regulamentada, pelo dr. Arnaldo Brazão.
O desporto, pelo dr. José Pontes.

CARTA DO PORTO O MILITARISMO NA POLÍTICA

A ditadura militar e a ditadura das oligarquias financeiras

Terminados o regaço, o deboche e o esbanjamento que o imundo Carvalho nos acabou de prodigalizar— a cujo Enérito se associaram, na medida do possível, os próprios "bastões" da hierarquia social, em vez de soerguermos num impeto de protesto contra tanta pagodeira, tanto desatinado, tanto desprécio a contrastarem horrivelmente com a colossal "crise" de trabalho— voltaram as conversas sóbre a política indígena.

Após as pavilhons incongruências da D. Folia que prefaciaram o hipócrita período quaresmal por onde deslizamos— segue-se os sédicos cantochões da salvação da pátria, da ingente necessidade de, por uma vez, se varrer tóda essa entulheira que empesta o nosso ambiente político e social.

Aqui, como um pouco por tóda a parte, também a opinião militarista mete a sua colherada. Há um grupo de militares graduados, que uns dizem ser muito forte e outros de secundária importância, que aspira a uma limpeza radical na política avariada, corrompida, de molde a que se inaugure uma época de equilíbrio, de harmonia, de honradez, de um melhor tacto de governação pública, sob o respeito da lei e uma maior independência das charangas partidárias.

Crê-se que nesse grupo de militares há quem se aproveite da boa-fé de uns para, se não se conjurar o perigo iminente dumha ditadura de espadas, se aproveitarem das circunstâncias a fim de ser estabelecido o predominio férreo do ultramontanismo oligárquico das forças do "bicho vivo".

O exemplo do Chile

Não nos custa acreditar que pudesse dar-se um "fenômeno" de tal natureza, visto que a história recente dos acontecimentos políticos do Chile nos acaba de fornecer um exemplo flagrante em tal sentido...

O golpe de Estado dado, pelos militares chilenos, em 5 de setembro, foi, segundo o seu manifesto de 11 daquele mês, para fazer obra de todos e para todos, por meio da destruição da muralha política corrompida, principalmente pela convocação de uma livre Assemblea Constituinte que desse ao Chile a Carta Fundamental adequada à sua realidade social e o permitisse entrar numa era nova de honradez e capacidade política.

Sucedeu, porém, que entre os golpistas militares surgiram traidores, estilos cunha-leesco, chefiados pelo general Altamirano— que se arvorou em Primo de Rivera. Então, este "procedeu com malícia, independentemente da nossa vontade, em inteligência com os elementos reacionários a cuja conspiração fracassada tinham aderido— entrégando o país às oligarquias..."

O mesmo grupo de oficiais do exército chileno, à exceção dos traidores, dão um outro golpe de Estado... no seu anterior golpe de Estado que derrubou Alessandri e deu passagem à ditadura do reacionário Altamirano: Alessandri é reposto no seu lugar, embora seja forçado a cumprir o programa que o ditador corrói traíra...

Esta paradoxal, mas triunfante revolta dos militares chilenos... contra uma revolta dos mesmos militares chilenos foi dirigida "contra os traidores e seus usufruítarios", para que fique demonstrado que "os oligarcas não são donos do Chile" e que não "foram em vão que as doutrinas democráticas abriram caminho na consciência nacional..."

A liberdade só encontra defesa na consciência do predador organizado

Se os militares portugueses que "desejam" moralidade, ordem, honradez, e demais acessório mais sérios e menos políticos, depois de triunfarem, vissem traidores a aproveitarem-se do seu gesto e a desvirtuarem os seus augúrios "reacionários" — teriam a ambição de voltar à primeira forma, golpeando... o seu golpe de Estado, à semelhança dos seus camaradas chilenos?

Eis uma pergunta que tem cabida neste momento em que se fala de golpes militares os mais heterogêneos...

O que compreendemos, contudo, é que constituindo o exército um poder violento a apoiar outros poderes violentos do Estado e do Capitalismo, ele há-de sempre brindar-nos com aquele *faz-e-desfaz*, ratificando-nos continuamente o seu poder que impõe, é o mesmo poder que depõe— repetindo-se os golpes das legiões romanas que proclamavam ou destituíam imperadores consoante este outro poder— o do diretor, o do ouro...

Não é nas próprias forças do Estado e do Capitalismo que existem os predados poderosos de moralização e de libertação, visto que elas já são de si morais e coercentes.

Na cultura e consciência do produtor fortemente organizado e em oposição a todos os designios reacionários, é que está a defensiva e a ofensiva para a manutenção das liberdades adquiridas e para a conquista das felicidades futuras, mediadas e imediatas...

27— Fevereiro—925.

C. V. S.

O capitalismo contra as suas teorias

Os interesses do Estado e os interesses particulares — Como os homens variam de conceitos

Esta gente sizuda, conservadora, austera, que hoje se esforça por levar à desorientação e à desordem tóda a vida portuguesa, costumava dar-nos paternais conselhos de respeito pelo Estado, porque o Estado no seu sabedor entender somos todos nós.

Contestámos-lhe, várias vezes, provocando-lhe com sobreja cópia de argumentos que o Estado, longe de representar os interesses do povo, significava apenas os interesses da classe dominante—a capitalista. Estas respostas causavam sempre grande ruído, e raro acontecia não sermos mimoseados com qualquer insulto.

Agora que o Estado em nome de nós todos entendeu dever intervir no Banco de Portugal, são essas mesmas pessoas sizudas, conservadoras e ordeiras que contra ele lancam os piores insultos e clamam pela defesa dos interesses particulares que devem ser respeitados acima de tudo.

Na última assemblea geral do Banco de Portugal, o Estado foi vencido. O interesse particular sobrepujo ao interesse do Estado— e como o Estado somos nós todos, os accionistas do referido estabelecimento bancário calcaram os interesses de todos nós.

Seria caso para os bons conservadores empreenderem uma rasgada defesa do Estado, de nós todos. Mas não; festejaram o acontecimento. O Século, o órgão das forças vivas, chamava os triunfos dos interesses particulares "Uma vitória", e pela pena "independente" e lesta do sr. Trindade Coelho acatava o Estado com aquela mesma fúria com que ataca os operários.

Perante esta atitude incoerente dos homens da ordem, nós já não sabemos que fazer—não sabemos se será lógico acolher o Estado como representante de nós todos, concordando assim com as velhas opiniões das pessoas sizudas, que se contradizem agora, se optar pela opinião recente destas sabedoras criaturas, e continuarmos a atacar o Estado como uma concentração das forças capitalistas.

No nosso fraco entender, o Estado só representa "o interesse de nós todos", no conceito do pacífico burguês, quando representa apenas e de "verdade" os interesses capitalistas. Porém, quando por parte dos homens que governam se esboça um simples gesto de cerceamento de abusivas regalias burguesas, logo para as pessoas de siso o Estado se transforma no pior dos inimigos.

Traduzida, pois, a velha e recente linguagem dos capitalistas, o Estado deve ser respeitado por todos, quando defende e sanciona as explorações de meia dúzia.

Venham para cá com doutrinas...

ABUSO DE CONFIANÇA

Adoptam alguns jornais processos pouco correctos de fazer jornalismo. A *blague*, já não citamos a *blague* infensiva, mas a invenção de factos que alarmam, perturbam e desorientam a opinião está sendo usada frequentemente por algumas gazetas que se dizem sérias. Há dias o *Diário de Lisboa* publicava uma carta assinada por um capitão José de Barros Norfolck, que se mostrava indignado com a actual atmosfera política e veladamente esboçava uma ameaça do exército contra o regime.

Afinal o capitão Norfolck não existe. Pode-se pois admitir que um jornal abuse assim da confiança dos seus leitores?

NO PANAMÁ

Uma revolta de índios

Atrocidades de militares

PANAMÁ, 23.— Os índios do território de Sanitábilis revoltaram-se e proclamaram a sua independência.

Os índios acusam os oficiais do exército do Panamá de cometerem crueldades, tentando assassinato 20 deles.

O parlamento proclamou o estado de sítio, tendo sido enviadas tropas para reprimir a revolta.

O consul britânico recebeu ordem do seu governo, de partir para o território revolto, servindo-se do navio de guerra americano "Cleveland" que lá segue, a fim de fazer um inquérito sobre as acusações formuladas pelos índios.—(L.)

27— Fevereiro—925.

C. V. S.

Bem hajam os que sabem fugir...

Porque as cadeias são túmulos para vivos

Os jornais, nos últimos dias, têm-se ocupado da fuga de alguns presos, mostrando-se alarmados com a falta de condições que as prisões oferecem e com a hipótese de que os guardas e carcereiros possam ser coniventes nessas evasões.

Francamente, eu não estranho que alguns presos fujam, apenas me surpreende que não se tenham todos posto em desbandada. E, tendo em conta a profunda miséria que representa o nosso regime prisional, e não ignorando que a maioria das prisões são cloacas infames, onde não entra luz e ar, repto, até, uma ação benemérita facilitar a fuga aos presos.

Entre tantas questões que constituem formidável libelo contra a actual organização social, há três pontos que nem oferecem discussão, suficientes, por si, para uma sentença condenatória.

São eles: o abandono, a falta de assistência e educação a que são votadas as crianças pobres; a deficiência de hospitalização especialmente para doenças infeciosas; e o infamíssimo sistema prisional.

Que respeito, que direito à conservação deve merecer uma sociedade que tem pouca preza e estima a vida daqueles deserdados da fortuna que são, que foram e podem vir a ser os melhores cooperadores da riqueza social?

Eu ouço homens felizes, às vezes mal dispostos pelas suas complicadas digestões, soltarem palavras indignadas contra o povo — a canhala mal educada, como eles dizem.

Mas—pregunto eu—quais são os esforços que essa sociedade emprega para que esse povo melhore as suas condições morais e erga o seu nível mental?

Por tóda a parte transborda o egoísmo; as afirmações idealistas são abafadas pelo ruído dos talheres, pelo leitão das negociações; e, entre tanta gente rica, não se adrega encontrar uma dessas iniciativas desinteressadas, com intuições piedosas ou educativas, que mereça aplauso.

Deficiência de educação nas escolas; falta de lugar e conforto nos hospitais; e as prisões—que essas piores focos de degenerescência humana—é uma triologia bem infamante, que dá a média do desequilíbrio, da falta de equidade que nos oferece a sociedade actual.

* * *

Constituem, realmente, um perigo grave essas evasões de presos a que os jornais se veem referindo?

Entendo que, seja qual for esse perigo, será sempre menor do que o que representa a manutenção da maioria das prisões no miserável estado em que se encontram.

Crime tremendo, crime sem nome, considero eu ésses do Estado, reflectidamente, a sombra da lei, lançar um desgraçado que a maioria dos casos, se poderia regenerar, para essas masmorras, pântano putrido, donde saem muitos mais criminosos que para lá entraram, completamente perdidos para a vida social.

Crime miserável é esse de, a frio, com a maior indiferença, se atirar com uma criança a um príncipe de escolas de desgraça que são quase tóidas as prisões do nosso país, e cuja visita causa arripos.

A sociedade, em vez de curar ou reparar o mal, ainda mais o intensifica e exaspera!

O maior criminoso neste caso é o Estado: é uma tal organização que, pela sua ignorância, pela sua insensibilidade, vai semear o mal e alimentando tais focos que envenenam e contaminam.

Dos muitos milhares de indivíduos tidos como criminosos, só uma minoria é inconfiável: a sociedade, com a sua acção imprudente, é que intensifica esse mal.

O estado, com o seu sistema prisional, com as suas odiosas prisões, não corrige, pelo contrário aumenta o perigo—repetimos, é o principal criminoso.

As nossas prisões são fábricas de criminosos, de loucos, e são elas que alimentam a miséria e tristeza viva comum com o maior contingente de stúpidos e tuberculosos.

Se algum movimento bem vibrante, bem digno da cooperação de todos os homens de inteligência e coração, se deveria produzir, era este contra a infâmia das nossas prisões. Cárceres sem luz, sem ar, onde as bafardas pôdrão fazer tombar um desgraçado, onde se não pode dormir, onde se não pode comer, onde os vermes passam livremente, onde, nas noites de inverno, quase se morre de frio!

Quem poderá deixar de erguer o seu protesto contra tal Inquisição?

Repto, só me admira que todos os presos se não evadam, porque a algumas dessas prisões é preferível a morte, o risco da morte.

Há que fazer uma formidável campanha de maneira a acordar a alma do país, a ver se elas se elevam em massa e aniquilam e derribam estas iniquidades sociais.

Compreendemos a conveniência de isolarmos o homem que, esgotadas tóidas as experiências, continua a ser nocivo à colectividade.

Mas até nesse isolamento a sociedade tem de ser humana.

UM CONFLITO NO LIMOEIRO

provocado pelo enfermeiro Alegria

Ao princípio da noite de anteontem correu célebre pela cidade a notícia dum conflito na cadeia do Limoeiro, onde os presos sociais se encontravam envolvidos, dizendo-se da sua participação tudo quanto há de mais desencontrado.

Para que pudessemos de positivo informar os leitores do que se passava, aguardámos melhores informes do que aqueles que não passavam afinal de boatos.

Nesta inteligência conseguimos apurar o seguinte:

O enfermeiro Azevedo, ao serviço da enfermaria do Limoeiro, leye que ausentava-se por uns dias do seu serviço, sendo substituído pelo já célebre enfermeiro do Monsanto, João Alegria Pereira, o mesmo que *A Batalha* há tempo teve que focar pelos crimes cometidos na pessoa dos presos.

Logo que o Alegria entrou no desempenho deste seu cargo interino a tristeza invadiu os presos. Houve logo a previsão que os seus rancores encontrassem ensejo para se exteriorizarem. E foi o que sucedeu, a-pesar-de só ali ter feito serviço um dia.

A sua primeira preocupação foi dar alta a presos enfermos, a-pesar, segundo nos informaram, do seu manifesto estado de doença — alguns tuberculosos.

Este desumano gesto provocou os naturais protestos por parte das vítimas, sem que encontrassem eco no coração emperecido do brutal enfermeiro.

Anteontem, porém, este foi ao Limoeiro, diz-se que de visita.

Reincidente nas suas atitudes, o Alegria provocou alguns presos ameaçando de pistola um, e se não fez fogo, isso deve-se à intervenção dum guarda. Isto deu motivo a azeada discussão, que a certa altura se agrava, saindo ferido o enfermeiro provocado.

O sr. Pestana Junior, que reassumiu no mesmo dia as suas funções de director daquela cadeia, donde tinha sido afastado para fazer parte do ministério José Domingos dos Santos, responsabilizou pelo sucedido o camarada Marques da Costa, dando crédito aos informes do Alegria, a despeito daquele preso se encontrar na enfermaria, quando o conflito se passou num dos corredores.

Depois deste conflito, correram pela cadeia as mais disparatadas versões sobre o destino dos presos. Em face disso os presos decidiram não permitir a consumação de novas violências, como era o serem transpostos de noite para o Monsanto.

Efectivamente, tudo estava preparado para a transferência se fazer de madrugada, mas os presos, sabedores do caso, decidiram que a remoção só se fizesse de dia.

A's das da madrugada a força compareceu com os carros celulares e um esquadrão da cavalaria da G. N. R. para os escoltar.

A's 4,30 chegavam ao forte de Monsanto, sob uma chuva torrencial, os dois primeiros "camions" com 29 presos. Uma hora depois chegavam os dois restantes com mais 23 presos, pois são 52.

Tanto à saída do Limoeiro, como no caminho até Monsanto e ali os detidos cantaram sempre a "Internacional", entremeando o canto com morras ao director da cadeia dr. sr. Pestana Junior.

Vejamos agora o que se passou no Monsanto, pela carta que a seguir publicamos, que pelos presos nos foi enviada:

"MONSANTO, 28. Escrivemos-vos, como vedes, do presídio de Monsanto. Mandamo-vos esta carta, que é também um brado de revolta e um veemente apelo ao vosso espírito de solidariedade, que agora, na difícil emergência em que nos encontramos, é a única esperança nossa, que ansiamos vêmos libertos do despotismo a que fomos inesperadamente submetidos pelo dr. Pestana, Júnior, que tão tristemente se reintegrou na directoria das Cadeias Civis de Lisboa.

Ao contrário do que esperávamos, não foi só um nem dois camaradas o alvo da mesquinha vingança que se cometeu, mas todos os presos do "Grupo B" do Limoeiro, ou seja, 51, que tanto somos, presos sociais e comuns, os que aqui estamos atirados ao fundo gelado e sujo do famigerado "sector C", onde tantos infelizes têm acabado os dias da sua vida, minados pela tuberculose, vencidos pelas mais terríveis epidemias!

Que motivos poderosos haverão feito com que o sr. Pestana Júnior, ex-ministro dum governo esquerista, satisfazendo aos caprichos odiosos do não menos odioso enfermeiro de Monsanto, nos removesse para tão longe e tão infame prisão, privando-nos até da visita diária que recebímos das pessoas de nossa família?

O camarada Marques da Costa era o único preso social que estava na enfermaria, e estava ali baixado pelo dr. Esteves da Fonseca.

O enfermeiro Alegria não exerce, no Limoeiro, a sua profissão mas sim em Monsanto. Foi ao Limoeiro terça-feira passada, por haver ficado em casa doente o respectivo enfermeiro efectivo, sr. Azevedo. Nada havia que lhe autorizasse a dar alta aos doentes que os médicos haviam mandado baixar à enfermaria e entretanto ele fez, não poupando sequer um que estava tuberculoso, dois escrofulosos, dois silíicos e um sarceno. Marques da Costa não pretendeu sequer "impôr", como disseram os jornais burgueses, a permanência na enfermaria. Antes se prontificou a abandonar a "esterqueira" que tem aquele nome, protestando entretanto contra a alta dada aos outros doentes. E tam justo eram os seus protestos, que o sub-chefe Ferreira, criatura de todos conhecida pelas desunidades que ali pratica, se viu constrangido a não acatar as ordens do atrabilíario enfermeiro, mandando que todos regressassem à enfermaria.

O sr. Pestana Júnior mandou-nos entrar nas prisões subterrâneas do Forte sector C, onde o frio, superior a tudo, domina em absoluto.

Da prisão onde estamos há umas janelas que deixam para o fôsso do Forte, janelas que estão de noite e de dia abertas... por não terem vidraças nem portadas!

E' nestas casas-matas que o ex-ministro nos meteu, deixando-nos, ao que nos disse o sargento da guarda, entregues ao Poder Militar...

Receosos talvez de que os presos sociais sublevassem as consciências e os espíritos dos outros presos, os nossos carcereiros separaram-nos, mandando os presos comuns para as salas.

Bem basta já os vêxames que aqui sofremos, logo ao entrar no Forte, onde encontramos, bebedos, completamente beba-

UMA INICIATIVA GOUVIAEL

DOS PROFESSORES DA ESCOLA ROCHA PEIXOTO DA PÓVOA DE VARZIM

PÓVOA DE VARZIM, 25. — Os professores da Escola Primária Superior "Rocha Peixoto", desta vila, tomaram a simpática iniciativa de criar um curso nocturno para indivíduos do sexo masculino e outro de economia doméstica para o sexo feminino.

No curso masculino são admitidos indivíduos de qualquer idade, desde que possuam rudimentos de leitura e escrita, constando das seguintes disciplinas: aritmética comercial, noções de física e química, desenho e caligrafia, português e noções de história, frances, higiene e geografia.

Estes cursos são gratuitos, funcionando o feminino das 16,30 às 17,30 horas, e o masculino das 20 às 22 horas.

Bela iniciativa, merecendo o apoio de todos os amantes da instrução, de todos os amigos do progresso.

Oxalá os trabalhadores compreendam os benefícios que estes cursos lhes trazem e saibam corresponder a tão útil empreendimento. É um dever de todos os operários frequentá-los, encorajando assim os iniciadores a prosseguir na sua belíssima resolução. — C.

OS PERIGOS DO MAR

Arrostando com o fogo e a tempestade

DURBAN, 28. — O paquete britânico "Cidade de Madrasa", de 5.461 toneladas, chegou ontem a este porto, depois de ter lutado durante cinco dias com uma violenta tempestade. Ao mesmo tempo manifestava-se fogo nos pôrões, tendo tripulação trabalhado mais de 24 horas para extinguir as chamas. Dez dias depois, o paquete foi colhido por um violento ciclone que destruiu as chaminés e os mastros e levou pela borda fora todos os escalerões e salva-vidas. — (R.)

EM COÍMBRA
Um mandado de despejo contra o Ateneu Comercial

COÍMBRA, 27. — A classe dos empregados no comércio desta cidade vem de ser alarmada por um caso de bastante gravidade. O senhor do prédio onde está instalada a sua associação acaba de ganhar, em definitiva, a ação de despejo que primeiramente tinha perdido, tendo, para isso, dado como burlão um seu filho que assinou alguns recibos que, à face da lei, não têm validade!

Assim, a classe, em frente desta situação, acaba de reunir em assembleia magna, tendo falado vários empregados no comércio e sido nomeada uma comissão que procura resolver o assunto, vendo se é possível sustar o referido mandado de despejo.

Há grande excitação na classe, que a certa altura se agrava, saindo ferido o enfermeiro provocado.

O sr. Pestana Junior, que reassumiu no mesmo dia as suas funções de director daquela cadeia, donde tinha sido afastado para fazer parte do ministério José Domingos dos Santos, responsabilizou pelo sucedido o camarada Marques da Costa, dando crédito aos informes do Alegria, a despeito daquele preso se encontrar na enfermaria, quando o conflito se passou num dos corredores.

Depois deste conflito, correram pela cadeia as mais disparatadas versões sobre o destino dos presos. Em face disso os presos decidiram não permitir a consumação de novas violências, como era o serem transpostos de noite para o Monsanto.

Efectivamente, tudo estava preparado para a transferência se fazer de madrugada, mas os presos, sabedores do caso, decidiram que a remoção só se fizesse de dia.

A's das da madrugada a força compareceu com os carros celulares e um esquadrão da cavalaria da G. N. R. para os escoltar.

A's 4,30 chegavam ao forte de Monsanto, sob uma chuva torrencial, os dois primeiros "camions" com 29 presos. Uma hora depois chegavam os dois restantes com mais 23 presos, pois são 52.

Tanto à saída do Limoeiro, como no caminho até Monsanto e ali os detidos cantaram sempre a "Internacional", entremeando o canto com morras ao director da cadeia dr. sr. Pestana Junior.

Vejamos agora o que se passou no Monsanto, pela carta que a seguir publicamos, que pelos presos nos foi enviada:

"MONSANTO, 28. Escrivemos-vos, como vedes, do presídio de Monsanto. Mandamo-vos esta carta, que é também um brado de revolta e um veemente apelo ao vosso espírito de solidariedade, que agora, na difícil emergência em que nos encontramos, é a única esperança nossa, que ansiamos vêmos libertos do despotismo a que fomos inesperadamente submetidos pelo dr. Pestana, Júnior, que tão tristemente se reintegrou na directoria das Cadeias Civis de Lisboa.

Ao contrário do que esperávamos, não foi só um nem dois camaradas o alvo da mesquinha vingança que se cometeu, mas todos os presos do "Grupo B" do Limoeiro, ou seja, 51, que tanto somos, presos sociais e comuns, os que aqui estamos atirados ao fundo gelado e sujo do famigerado "sector C", onde tantos infelizes têm acabado os dias da sua vida, minados pela tuberculose, vencidos pelas mais terríveis epidemias!

Que motivos poderosos haverão feito com que o sr. Pestana Júnior, ex-ministro dum governo esquerista, satisfazendo aos caprichos odiosos do não menos odioso enfermeiro de Monsanto, nos removesse para tão longe e tão infame prisão, privando-nos até da visita diária que recebímos das pessoas de nossa família?

O camarada Marques da Costa era o único preso social que estava na enfermaria, e estava ali baixado pelo dr. Esteves da Fonseca.

O enfermeiro Alegria não exerce, no Limoeiro, a sua profissão mas sim em Monsanto. Foi ao Limoeiro terça-feira passada, por haver ficado em casa doente o respectivo enfermeiro efectivo, sr. Azevedo. Nada havia que lhe autorizasse a dar alta aos doentes que os médicos haviam mandado baixar à enfermaria e entretanto ele fez, não poupando sequer um que estava tuberculoso, dois escrofulosos, dois silíicos e um sarceno. Marques da Costa não pretendeu sequer "impôr", como disseram os jornais burgueses, a permanência na enfermaria. Antes se prontificou a abandonar a "esterqueira" que tem aquele nome, protestando entretanto contra a alta dada aos outros doentes. E tam justo eram os seus protestos, que o sub-chefe Ferreira, criatura de todos conhecida pelas desunidades que ali pratica, se viu constrangido a não acatar as ordens do atrabilíario enfermeiro, mandando que todos regressassem à enfermaria.

O sr. Pestana Júnior mandou-nos entrar nas prisões subterrâneas do Forte sector C, onde o frio, superior a tudo, domina em absoluto.

Da prisão onde estamos há umas janelas que deixam para o fôsso do Forte, janelas que estão de noite e de dia abertas... por não terem vidraças nem portadas!

E' nestas casas-matas que o ex-ministro nos meteu, deixando-nos, ao que nos disse o sargento da guarda, entregues ao Poder Militar...

Receosos talvez de que os presos sociais sublevassem as consciências e os espíritos dos outros presos, os nossos carcereiros separaram-nos, mandando os presos comuns para as salas.

Bem basta já os vêxames que aqui sofremos, logo ao entrar no Forte, onde encontramos, bebedos, completamente beba-

Enquanto a polícia namora os amigos do alheio assaltam tranquilamente o transeunte desprevenido...

Depois, somos nós que dizemos mal da polícia...

E relatava ontem um jornal da manhã:

"Ontem à noite, pouco depois das 20,30 horas, o sr. Joaquim Pedro da Cruz, residente na rua dos Mafios, 10, 1.º passou pelo Corpo Santo, notou que alguém, atacando-o pelas costas, lhe passava pelo rosto qualquer coisa, com um cheiro acre, que a pouco e pouco lhe enfraqueceu os sentidos.

Com tópico a solicitude apareceram-lhe 2 indivíduos, que o seguiram pelos braços, ao mesmo tempo que lhe perguntavam se sentia mal disposto e se lhe ofereciam para o que fosse preciso.

Enquanto cumpriam o seu dever humanitário, tratavam também de lhe surpreender uma corrente e relógio de ouro, uma moeda antiga de 10 mil reis do mesmo metal, uma bolsa de prata com várias moedas e 3 anéis de ouro que levava nos dedos.

O infeliz foi cobrando ânimo, por se ir desvaneçendo o efeito do narcótico, e os dois beneméritos tendo-lhe acudido naquele transe, retiraram-se com passo apressado.

O sr. Cruz percebeu então que tinha sido roubado, dirigiu-se ao guarda 511, da 1.ª esquadra, e quem perguntou se viria os dois indivíduos em questão.

O guarda, que pelos modos estava namorado, disse que efectivamente via passar os homens, e que não deveriam ir longe.

O roubado pediu ao cívico que os capturasse, porque o tinham roubado, mas o cívico, em vez de proceder imediatamente, como o caso requeria, limitou-se a aconselhar o queixoso a seguir pela travessa do Cotovelo, enquanto ele iria pela rua do Arsenal, para ver se encontravam os fugitivos.

Disse, mas deixou-se ficar no mesmo lugar, pelo que os gatunos tiveram tempo de se escapulirem.

O sr. Cruz dirigiu-se depois ao governo civil, onde apresentou a sua queixa, relatando os factos como acima referimos.

Contra o guarda 511 vai ser apresentada nota do facto, por não ter procedido como devia.

Só podemos comentar este caso admirável com uma franca, com uma enorme galhardia...

O aniversário de "A Batalha"

Agradecemos a O Rebate a referência que fez à passagem do nosso 6.º aniversário.

EM QUE FICAMOS?

O escopo da tenebrosa instituição denominada "Cavaleiros da Luz" já foi aqui traçado antes que outro jornal o fizesse. Nunca fantasiámos a sua existência, nem tecemos em volta desta quadriga romântico que a tivemos de volta para a estreia a uma celebração que não possue.

Mas, ou porque as suas ameaças se vão generalizando, ou porque os "cavaleiros" tão irrequietos se supõem seguros de toda a impunidade, em volta da sua existência tem-se passado uma série de episódios que nos forçam a dedicar alguns minutos de atenção.

Foi o bairro de Campo de Ourique onde os quadrilheiros assentaram arraial. Principiando por umas ameaças veladas aos jovens da Meia Laranja, generalizaram-as mesmas aos habitantes do mesmo bairro, de preferência aos que algumas simpatias nutrem por aquele organismo juvenil. Como noticiámos completaram a sua obra apimentando um elemento juvenil.

Os boatos tiveram origem em uma instituição fervilham e meia Lisboa em breve terá que acreditar que a capital está sob a influência e vontade dos camisas negras... portuguesas.

Deste estado de espírito resulta sérios embates como o que assistimos nas terras do Sabido, onde se trocaram bastantes tiros que poderiam ser fatais, a não nos custar a acreditar que de novo se repita a cena, uma vez que para salvaguarda das vítimas dos tais "cavaleiros" só a defesa a tiro lhes resta. De forma que o maior perigo e que a todos sobressalta está na excitação nervosa em saber-se o que há.

A polícia, tão solicita a perseguir os jovens sindicalistas, ou ainda não se apercebeu da situação, ou conhece-a de sortejo!

Pasme-se perante aousadia da polícia pertencente à esquadra dos Terramoto, que prosegue nas suas rutas, incomodando de preferência, justamente os mais perseguidos pelos "cavaleiros".

Ontem, novas rutas se efectuaram, e mais uma vez os jovens tiveram que responder como se fossem os criminosos.

MARCO POSTAL

Junho—M. R.—Assinatura fica paga até 15 de Junho.
Monchique—A. R. V.—Está conforme. «Misterios do Povo», liquidados até à 3.ª série.
Póvoa de Varzim—G. C.—Recobremos liquidado.
Seguem pelo correio os suplementos pedidos.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,30
S.	6	13	20	27	Desaparece às 17,45
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
D.	8	15	22	—	L. C. dia 8 às 7,03
S.	9	16	23	—	Q. M. dia 23 às 10,11
T.	10	17	24	—	L. N. dia 28 às 3,40

MARES DE HOJE

Praiamar às 7,05 e às 7,27

Baixamar às 0,15 e às 0,35

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, 10 dias de vista	95000	95500
Londres, cheque	95000	95500
Paris	1207	1208
St. Louis	1200	1202
Edimburgo	1204	1205
Itália	1284	1285
Holanda	1282	1286
Madrid	1284	1285
New-York	1286	1287
Bremen	1287	1289
Noruega	1286	1289
Suecia	1286	1287
Dinamarca	1287	1287
Praga	1286	1287
Espanha	1286	1287
Barcelona	1286	1287
Estocolmo	1286	1287
Reichmarks euro	1286	1287
Ajio do euro %	1286	1287
Liras ouro	100000	112500

ESPECTÁCULOS

TEATROS

«El Corte»—A. 8—«Benamor».

A. 15—«Concerto».

«Festivais»—A. 20, 30—«Inglês...»

«Telégrafo»—A. 20—«Outro eu e «Vem cá não venhas medo».

A. 15—«Concerto».

«Pólo»—A. 21, 25—«Mol Real».

«Eben»—A. 21, 25—«A semana dos 9 dias».

«Frenê»—A. 21, 25—«Susin».

«Juvenil»—A. 21, 25—«Irmãos» e «A Ciladas».

«Maria Vitoria»—A. 20, 25 e 22, 30—«Res-Vés».

«Coliseu dos Recreios»—A. 21—«Companhia de circo».

A. 7, 15—«Mastinet».

«Salto Vôo»—A. 20, 30—«Variedades».

«El Vicente (à Graga)»—A. 20—«Animatrófico».

«Ercília Parque»—Todas as noites—«Concertos e discursos».

CINEMAS

Olimpia—Chiado Terrasse—Salão Central—Cinema Pro

Condes—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Pro

mota de Educação Popular—Cine Páris—Cine Es

pernha—Cinecler—Tivoli—Tortoise—Gil Vicente.

MÁLAS POSTAIS

Pelo paquete «Diniz» são hoje expedidas malas

postas para o Pará e Manaus, sendo da caixa geral

a última tiragem de correspondência às 10 horas.

Amanhã: 2.

Pelo paquete «Angolas» para a Madeira e África

As últimas tiragens são: para registos, às

21 das oficinas 4 horas da tarde.

Também por via de Marselha se expedem malas de

correio para a Índia portuguesa e Macau.

A última tiragem é às 10,40.

Aos marceneiros

Madeiras secaas serradas, ótimas dimen-

sões. Preço sem competidor.

Vendem-se: castanho, freixo e nogueira.

A. PIRES

Azinhaga da Torrinha, ao Régio

Livraria BENASCEÑA

Obras literárias, científicas, profissionais e

artísticas de autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos, carimbos e livros

de escriturário, cartas de escriturário, mapas e

mapas, descrição de cotações de matrículas

para Sindicatos, Cooperativas, Comunias,

Juventudes, etc.

Grande sorteio em material escolar,

artigos de papelaria e escritório, sempre

nos preços mais baixos.

Uma magnifica obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIAS».

Ilustrada por assinaturas,

tonos e encadernada com capas especiais

em 2 grandes volumes a 10000, acrescentando

500 de porte e embalagem para o pro-

vincial.

Sempre novos artigos e novidades des-

tais.

Joaquim Cardoso

Rua dos Poais de São Bento,

27 e 29

LISBOA

As melhores são

da «União».

Tomé Ferreira, Vieira de Leiria—

Pedir em todas as

lojas de ferragens.

Em preços e tem-

pos que concorrem com

as melhores mar-

cas inglesas.

As boas donas de casa devem fazer

uma visita ao estabelecimento de

Evaristo Ferreira Baptista Júnior

à rua de Sapadores, 143-II a 143-D

GRAÇA

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO SÓ COM O LUCRO DE 10% NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora
Sapatos em verniz
Botas pretas (grande e salão)
Botas brancas (salão)
Botas saídas de botas pretas
Botas de couro para homem

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.

Ver bem pois só lá encontra bom e barato.

A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 60.

CONSELHO TÉCNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se de execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármores de todas as provéniências.

Dirigir-se à

Calçada do Combro, 38-II, 2.º

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metin, Auer, assim como rochas doces e maciças, tubos, molas, chaminés de ferro e 3 peças, lampões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosque.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata

(a casa que fornece em melhores condições).

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico, Gotoso,

Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00

"Reumatina"

Vende-se em todas as boas

farmácias e drogarias

Pó Anti-blenorragico

É o mais poderoso combatente das ble-

norragias crônicas e recentes. Resultados

immediatos e comprovados pelo distinto mé-

dico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10500

Depósito Geral

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440—PORTO

Prédio

Compre entrando com cem contos caso o resto

fique em hipoteca a prazo. Preço e rendimento.

Carta à rua Augusta, 270, 1.º a D. G. 4375.

NO BARATEIRO DE SAPADORES

encontram-se artigos de

fazendas, retrozeiro e utilidades

pelos preços mais económicos

do mercado

As boas donas de casa devem fazer

uma visita ao estabelecimento de

Evaristo Ferreira Baptista Júnior

à rua de Sapadores, 143-II a 143-D

GRAÇA

As melhores são

da «União».

Tom

A BATALHA

PÁGINAS ALHEIAS

O PATRIOTISMO

por Vítor Griffuelhes

Conforme se é um assalariado ou um possuidor, assim é a concepção que se tem da pátria. O homem que pretende ser um estadista ou o que deseja ser um simples cidadão, o que vive da pátria ou o que para para ela, têm maneiras diversas de considerar a pátria. Tudo isto quer dizer que há tantas concepções de pátria, como de categorias de homens, ou antes de intérpretes.

O homem que vive bem, sem cuidados pelo dia seguinte, pode dissantar à vontade, por mera especulação filosófica, por dilettantismo, sobre a palavra pátria. Mas o operário que vive do seu trabalho, onde o encontra, não pode conceber a pátria do mesmo modo. Se durante a minha vida eu tivesse tido apenas a preocupação de satisfazer o meu espírito, talvez pudesse pertencer ao número dos que se dizem "socialistas-patriota-internacionais". Mas a tive por principal preocupação assegurar a satisfação das primeiras necessidades materiais. O teatro, as artes, a literatura, as especulações filosóficas, as construções de sistemas, quase não ocuparam a minha vida; em primeiro lugar, por ser pobre, não pude adquirir a instrução necessária para os prazeres do espírito; e depois porque, tendo que ganhar o pão quotidiano, não teria tido nem o tempo nem a possibilidade de os possuir.

Por consequência todo o problema social se estabelece para mim em condições filhas da minha experiência, dos meus meios de existência, das minhas necessidades. E como o meu saber não é o dum Jauré, como os meus meios de existência não são os dum Gérault-Richard e como as minhas necessidades não são os dum Schneider, não concebo a pátria como éles.

A pátria, diz-se, é o conjunto das tradições, o patrimônio dum povo; é uma porção do solo do nosso planeta; é a região onde se vive, tendo assegurada a satisfação das próprias necessidades.

Outras tradições morais do nosso país e o seu patrimônio, para mim é como se não existissem, por não os poder estudar e conhecer, a menor parcela do solo não me pertence, e a existência que tenho nele, está longe de me satisfazer as necessidades.

Sou estranho a tudo que constitui a vida moral do meu país, não posso coisa alguma, tenho que alegar os braços para poder comer. Portanto, nada do que para alguns constitui a pátria, existe para mim. Não posso por consequência ser patriota.

Porque havia de ser patriota? Para defender esse famoso patrimônio moral, as nossas liberdades? Mas de cada lado da fronteira, cada povo fala no seu patrimônio moral.

Isto quer dizer que pode haver diversos patrimônios e que o patrimônio moral da Alemanha não é composto dos mesmos elementos que o da França. E todavia a Alemanha produziu um sábio como Koch e a França um como Pasteur; a primeira enaltece os seus grandes homens e o mesmo acontece a segunda. E Koch, Pasteur e todos os grandes homens, mais ou menos trabalharam para o progresso humano. Na verdade não há um patrimônio nacional, há um patrimônio social; não há um gênio particular, há um gênio humano, expressão dos conhecimentos que os homens têm adquirido em todos os países.

Pretende-se que a diferença de costumes, de línguas justifica a pátria? Mas em França os costumes do norte não são os do sul, nem os da Bretanha; a língua do sul não é a do norte, nem a da Bretanha; são ainda muito numerosos os meridionais e os bretones que não sabem falar francês.

Se se pretende que as fronteiras traduzem interesses diversos, é fácil responder que em França há tantos interesses como regiões. A questão do regime das bebidas e a crise vitícola são exemplos disso. Homens politicamente amigos, são adversários neste ponto.

Podia acrescentar que o mesmo acontece com todas as questões d'ordem económica. O cultivador de beterraba deseja que se consuma muito assucar; o viticultor entende que se consome assucar de mais. Na Alemanha observa-se o mesmo facto. Os meios agrários, em questões económicas, raramente estão de acordo com os meios industriais. Todavia os cultivadores de beterraba, os viticultores, lavradores e industriais, todos se sabem pôr de acordo contra as reivindicações operárias! Não! a pátria não é a reunião de interesses idênticos. A produção demasiada e desordenada do nosso meio social não permite que se afirme e prove essa identidade.

A pátria e as liberdades políticas

As nossas liberdades? Suponhamos que elas são maiores do que as que os outros povos disruptaram, a Alemanha por exemplo. Nas polémicas ocasionadas a propósito das declarações de Hervé, mostrou-se o espectro sinecador da reacção Alemanha, aliada à autocrática Rússia, lançando os seus exércitos sobre a nossa fronteira, para esmagar as nossas liberdades. O nosso interesse, dizem os Jauré, os Gérault-Richard e outros, manda-nos marchar para a defesa dessa liberdade.

O patriotismo assim encarado, consiste em salvaguardar direitos adquiridos. Estes só podem ser ameaçados pelos países que os não possuem. A Alemanha, diz-se, pertence a esse número. Por consequência, se amanhã a França "democrática" se lancesse sobre a Alemanha para lhe dar as nossas liberdades, os socialistas alemães deviam recusar, o seu concurso à burguesia do seu país na defesa contra o invasor. Que digo? Deviam aliar-se aos franceses para os ajudar a vencer, afim de estabelecer as liberdades reconhecidas por elas como necessárias. E no entanto, os chefes da social-democracia alemã proclamam a sua resolução de defender o país contra qualquer invasão. Que quer isto dizer, senão que os argumentos invocados derivam dum sentimento não raciocinado ou interesseiro?

Ora os trabalhadores não podem ser interessados na questão, porque são eles que pagam todas as despesas da guerra; e não se devem deixar guiar às cegas por um sentimento.

Se é preciso defender as nossas liberdades, é preciso dizer-se que todos os povos tendem para as possuir. Por outras palavras: todo o povo que não gosasse de liberdades, não saberia defender-se diante de invasão. No actual estado de coisas e do que

As consequências da política fascista

Prosegue sem cessar a guerra civil na Itália, dolorosa e sangrenta para as duas partes em luta

resulta destas polémicas; apenas a Inglaterra e a França deveriam ser patriotas, pois que são os dois países mais liberais da Europa. Foi o que não disseram os patriotas internacionais, embora seja aquela a consequência do seu raciocínio. E não o disseram, porque a sua atitude está longe de inspirar-se em intuições confessáveis.

A pátria e a classe operária

Diz-se que é necessário defender-se o solo da pátria! Não vejo nisso inconveniente, com a condição de que os defensores sejam os proprietários daquilo que defendem. Ora os factos dizem-nos que é o proletário quem, como sempre tem acontecido, é chamado a defender o solo da pátria, apesar de não possuir nenhuma parcela d'ela.

Enquanto os possuidores ficariam confortavelmente instalados em suas casas, entre os seus, os trabalhadores iriam morrer para lhes defender os bairros, depois de deixarem a sua família na miséria. O interesse do operário não pode indefinidamente conciliar-se com semelhante papel!

O interesse operário deve ser tirado da situação social do trabalhador e é essa situação que é preciso estabelecer. O proletário se é afeiçoado ao solo onde nasceu e viveu, é apasado pelas recordações que a ele se ligam. Quando é homem feito, vê-se muitíssimas vezes obrigado a afastar-se, para ir em busca do trabalho com que possa viver.

Afastá-se por falta de trabalho, ou porque, no desejo de obter uma melhoria de situação, se atreva a reclamar um salário mais elevado e o patrício o despediu, pondo os outros patrões de sobreaviso a seu respeito. Assim se vê obrigado a deixar o lugar que o vira nascer, a andar da terra em terra, pedindo trabalho, parado onde uma oficina lhe abre as portas. Ali se instala, trabalha, vive; ali constitui família e cria os filhos. E lá que é a sua pátria! Durante o tempo que percorreu a terra como um vagabundo, atravessou uma fronteira? Que importa! Deixa uma terra que se tornara para ele inhóspita, até que encontrou outra onde pode vender o seu trabalho.

Sabe-se enfim como a ideia de pátria é mantida, explorada pelos dirigentes, para justificar a existência dum exército, cujo papel se determinou nos movimentos operários dos últimos tempos; sabe-se qual o acordo que existe entre dirigentes e capitalistas, para a exploração do trabalho seja o mais completa possível. Seria por isso ocioso da minha parte, demorar-me mais sobre esta questão, que toda a gente conhece, tão evidente aquele acordo se mostra.

Em resumo, digo: o proletário não pode ter uma pátria; não pode ser patriota.

Os defensores do patriotismo encontram rala falta de nobreza nestas palavras, denotando um espírito mesquinho, porque reduzem as questões que apaixonam os "grandes" espíritos, a um ponto de vista material e por consequência estreito.

Que esses abandonem os seus privilégios, desçam à mina ou entrem para a oficina, se exponham aos raios ardentes do sol, se verão ou aos frios rigorosos do inverno; que ganhem o pão que comem, com um trabalho rude e de muitas horas em cada dia e depois hão de ver se lhes é fácil estabelecer teorias em alturas aonde o vulgo não chega.

E tão fácil filosofar sobre a ideia de pátria, quando se acaba de meter no cofre das rendas das propriedades onde outros trabalham, ou quando se sae de casa do notário, depois de se ter assinado a escritura de compra dumha casa de campo!

Queixas e reclamações

A polícia e as multas

Queixa-se-nos Carlos Baptista de o terem multado por trazer numa cégada um rapaz com trajes femininos. Essa multa constitui um absurdo pelo facto de o governo civil o autorizado a exhibi-las nas ruas.

Salão da Construção Civil

Hoje às 20,30 horas realiza-se o 2.º concurso de cégadas sendo a inscrição pela ordem seguinte:

1.º-Entre-acto dramático Luz Redentora, autor Júlio Guimaraes.

2.º-Terceiro Social O Cavador, autor J. F. Brito.

3.º-Entre-acto Social, A Caminho do Futebol, autor Manuel Soares.

4.º-Luz e Ciência, autor Henrique Reis.

5.º-Moralidade, autor Firmino Reis.

6.º-Pantomimeiros e Povo, autor J. M. R.

7.º-A Primo de Rivera, autor Henrique Lagoisa.

O júri é constituído pelos seguintes cultores da poesia popular:

Artur Inés, José Junca, Martinho de Assunção, José Dias Afonso e Alfredo Rodrigues.

FESTAS ASSOCIATIVAS

A do Sindicato dos Barqueiros e Frateiros do Rio Douro

Comemorando o 5.º aniversário da reorganização do Sindicato dos Barqueiros e Frateiros do Rio Douro e com o concurso de vários militantes da classe operária, realiza-se hoje, às 15 horas, uma sessão solene na sede.

A direção deste organismo convida os sócios e suas famílias e a classe operária em geral a abrilhantarem com a sua presença esta festa.

CONSULTAS NO PORTO

Hoje, às 15 horas, o dr. Campos Lima dá as suas costumadas consultas na sede da U. S. O. do Pórtico a todos os operários confederados que apresentem as suas cardeiras em dia.

As consequências da política fascista

RESPIGANDO...

O burguês e o trabalho

Nós somos os que não temos que perder! Porque tudo nos roubaram.

Vamos em marcha, cantando canções heroicas onde tremem as vibrações da voz de Spartaco, o Surge et ambula dum legião de famintos...

Nós somos os que não temos que perder!

Porque andamos, desde pela manhã até

o noto, a fazer-te o Capital com o suor do nosso rosto.

Nós andamos com os nossos braços a criar o inimigo. O leite que geramos envenena-lo tu: é energia criadora, torna-lo energia inimiga. Nós somos como a Isis lendária; tu és como o filho de Ti-fão.

Tu bebes-nos o sangue. E o teu sangue vermelho é feito do nosso sangue. Asfixiamos o vapor das tuas fábricas; andamos trabalhando cinco horas por dia para ganhar seis vintens e para te produzir cen

to.

E por isso-nos que perder!

E por isso avançamos. Porque uma força nova nos ergue dos tumulos onde vivemos, e vamos à posse dum Mundo perdido. Afastai-vos, vós os que temeis! nem queremos maguar-vos o corpo, nem queremos enojar-nos vós. Afastai-vos depressa, nós somos uma calamidade que passa.

Passamos as Fábricas...

Que é o Pão?

Não há Pão!

Mas oitenta burgueses!

Oitenta burgueses! Ouvimos dizer que é o orgulho do nosso século. Sim, isto que nos mata—é o orgulho do nosso século.

Contemplam esses prodígios de mecanismo, os milagres dos engenhos, a pressa nervosa dos embolos. Admiram, esfomeados, cat de côcoas, miseráveis! Não tendes pão em casa? Mas, devais alegrar-vos, porque isto é o orgulho do nosso século! Como deve encher-nos de satisfação o vermos que produzimos automóveis tão ricos, toilettes tão luxuosas, máquinas tão necessárias... e que temos os filhos tuberculosos!

A tua indústria! ah! a tua indústria é como um velho monumento egípcio! derreia os braços dos miseráveis; alimenta-se da fome dos vencidos.

Mas tu disseste: Eu amo o trabalho e os que trabalham!

Bravo, burguês! Tu tens uma alta consciência moral!

Obrigado! Obrigado pelas tuas palmas.

Oitais, desgraçados dos mundos! olhai, esfarrapados, das sargentas, ó aves noturnas das minas! Acalmai esse homem que vos amava, porque vocês trabalham.

Tendes fome? desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Tendes fome? desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas acalmai, acalmai este homem que ama os que vos amam, porque vocês trabalham.

Óitais, desfalece